

# A prosódia e a função comunicativa nas estereotipias da fala de indivíduos afásicos

Erica de Araújo Brandão Couto  
Laboratório de Fonética  
Faculdade de Letras - UFMG  
Belo Horizonte, MG, Brasil  
[ecoutobhz@gmail.com](mailto:ecoutobhz@gmail.com)

César Reis  
Laboratório de Fonética  
Faculdade de Letras - UFMG  
Belo Horizonte, MG, Brasil  
[creisufmg@gmail.com](mailto:creisufmg@gmail.com)

**Resumo** - Este trabalho é um estudo de caso clínico da estereotíпия verbal afásica na língua portuguesa, no qual se analisa a expressão oral de sujeitos afásicos adultos em seus aspectos prosódicos. Busca-se comprovar, através de um estudo instrumental, com tarefas linguísticas de repetição e nomeação, a hipótese de que o afásico que utiliza as estereotipias como forma de expressão, o faz utilizando de forma apropriada os recursos prosódicos, ao mesmo tempo em que estes cumprem com efetividade a finalidade de comunicação. Os dados encontrados sugerem que há um forte componente individual no desenvolvimento da estereotíпия, tanto no nível segmental como prosódico. O padrão entonativo apresentado pelos sujeitos afásicos estudados não corresponde ao padrão entonativo esperado da fala normal e os parâmetros acústicos apresentam uma variabilidade com características muito particulares. Sugere-se a existência de uma prosódia estereotipada, produto de um processamento automático, limitada em seu repertório, sem a interferência de um controle que envolvesse habilidades cognitivas e intenção comunicativa.

**Palavra-chave:** afasia, prosódia, estereotíпия verbal, comunicação.

## I. INTRODUÇÃO

Em distúrbios de fala e linguagem de origem neurológica adquirida, como a afasia, ocorre uma variedade de alterações nas habilidades da linguagem oral e escrita, tanto no nível da compreensão quanto da expressão por uma disfunção em regiões específicas do cérebro. Um distúrbio de expressão oral que tem chamado a atenção de clínicos e pesquisadores é a emissão de segmentos sonoros que são automaticamente repetidos todas as vezes que o indivíduo tenta se comunicar. Estes segmentos sonoros, também chamados de “enunciados recorrentes”, “estereotipias verbais permanentes” e “automatismos de fala”, diferem consideravelmente de paciente para paciente e podem constituir sua expressão oral por dias, semanas, meses ou anos.

Uma das características mais marcantes da estereotíпия é a entonação. As estereotipias parecem interagir com a entonação e com elementos do contexto, possibilitando uma interpretação parcial, senão total, do enunciado em uma situação específica de fala. Na ausência de elementos sintáticos e semânticos significativos e associados a habilidades pragmáticas, a prosódia possibilita a manutenção de habilidades comunicativas como a alternância de papéis na conversação.

Na tentativa de se conhecer com mais profundidade esta característica da estereotíпия, buscou-se responder as seguintes questões: Que capacidade comunicativa tem a entonação na fala do afásico com estereotíпия? Podemos considerá-la uma estratégia de comunicação desenvolvida pelo afásico ou o produto de um processamento automático como fazem crer os dados da literatura? Esta variação é intencional, ou seja, é emitida pelo afásico com o propósito de transmitir significado? Ou é o interlocutor não afásico que infere significado a partir das variações prosódicas da emissão do afásico. Segundo Code (1989), as estereotipias verbais se dividem em não lexicais, constituídas de uma sequência de fonemas, palavras sem significado e emissões ininteligíveis, e lexicais, constituídas de palavras com significado, frases e partículas sim/não. Muitas vezes, as estereotipias verbais não lexicais são compostas de sílabas com estruturas simples como consoante-vogal (CV) ou consoante-vogal-consoante (CVC). As estereotipias são sempre enunciadas da mesma forma, embora possam ter uma variação fonética temporária. São produzidas facilmente, suavemente e sem esforço aparente por um período de tempo indeterminado (podendo persistir por semanas, meses, até mesmo anos), predominando como expressão verbal do indivíduo ou, em alguns casos, sendo sua única forma de expressão. Cada indivíduo afásico dispõe de um repertório limitado e individual de segmentos, observando-se uma variação de frequência, intensidade e ritmo, mas não se pode afirmar, segundo o autor, se estas características prosódicas expressam algum significado, como, por exemplo, entonações ascendentes e descendentes, para distinguir perguntas e asserções.

Um número de afasiologistas tem expressado a visão de que pacientes com estereotíпия podem utilizar sua entonação para transmitir significado: eles habilidosamente modulam sua estereotíпия para expressar necessidades, pensamentos e sentimentos (LEBRUN, 1993). Mas outros, como Code (1994), observam que, para alguns pacientes, a variação de entonação é possível, mas esta não segue o padrão entonativo proposto para a fala não patológica. Para ele, o que existe é uma variação que é individual, particular e, para os pacientes que não são capazes de variar a entonação, a alteração estaria no nível da expressão de modalidades.

Com o objetivo de melhor compreender o funcionamento prosódico da afasia e, especialmente, nas estereotipias, buscou-se com este estudo comprovar a hipótese de que o

afásico que utiliza as estereotipias como forma de expressão, o faz utilizando-se de forma apropriada os recursos prosódicos, ao mesmo tempo em que estes cumprem com efetividade a finalidade de comunicação.

## II. MÉTODO

Delineou-se um estudo instrumental de estereotipias não lexicais com tarefas linguísticas que possibilitassem a coleta de dados e posterior análise quantitativa e qualitativa. As tarefas escolhidas foram a repetição e a nomeação por confrontação, ou seja, o indivíduo, perante uma gravura, dá nome a um objeto, uma função ou ação. A repetição pressupõe que os processos de decodificação e codificação dos aspectos segmentais e não segmentais da fala do sujeito estejam preservados e, em nosso estudo, esperava-se que eles reproduzissem as diferentes entonações de enunciados. Além do mais, a repetição permite um maior controle sobre a duração do enunciado, número de pausas, número de sílabas e acentuação. Na tarefa de repetição o conteúdo a ser repetido eram seis atos de fala ilocucionais curtos e longos, de asserção (2), pergunta (2) e ordem (2). A escolha das frases se deu considerando os parâmetros de modalidade e comprimento. A tarefa de nomeação foi escolhida por induzir a uma emissão mais espontânea e permitir que se avalie se a resposta do sujeito se assemelha à palavra controle nos aspectos de duração, mesmo número de sílabas, reprodução do acento da palavra e organização prosódica. Os estímulos consistiam de 11 palavras com número de sílabas e acentuação diferentes.

O grupo experimental (GE) foi composto de oito sujeitos afásicos portadores de afasia global crônica e estereotipia não lexical, mas com compreensão suficiente para compreender as tarefas linguísticas. O grupo controle (GC) foi composto de quatro sujeitos (três do gênero feminino e um do gênero masculino) sem alteração de linguagem.

Os enunciados de ambos os grupos foram analisados através do programa computacional de análise acústica PRAAT, fundamentando-se a análise do grupo controle no modelo Teórico de Entonação de Halliday (1970). Quanto ao grupo de afásicos, nossa análise baseou-se nos achados de Rizzo (1981) e sua afirmação de que a entonação tem um papel importante na descrição dos atos de fala.

Em nosso estudo, considerou-se que o afásico que apresenta um controle sobre os parâmetros prosódicos será capaz de utilizá-los adequadamente nas diferentes situações de comunicação. Os enunciados de ambos os grupos foram descritos detalhadamente sendo analisados descritivamente em nível segmental e em nível prosódico.

Para cada enunciado, foi feita uma transcrição ortográfica, uma transcrição ortográfica adaptada à pronúncia e à transcrição fonética, como demonstrado abaixo. Também foi elaborada uma tabela com os parâmetros prosódicos analisados e seus respectivos valores.

C – Estou muito cansada

T. O - “ Quêto pentô cansáca”

T. F - [ke.to] [pẽ.to] [kã.sa.ka]

Os parâmetros medidos e comparados ao controle foram: duração, número de pausas (na tarefa de repetição), F0 máxima, F0 mínima, tessitura, F0 inicial, F0 final e intensidade.

Tabela 1 - Tarefa de Repetição - Asserção

S	D	P	F0 max	F0 min	T	F0 I	F0 F	I
C	1.964	0	210	108	102	90	143	42
R	4.831	2	233	137	96	167	156	50

Vale ressaltar que foi considerada palavra a fala segmentada composta de sequência de uma ou mais sílabas precedida e seguida por pausa. No caso das estereotipias, estas apresentam uma estrutura básica que se repete e cuja estrutura silábica em nossos dados é V, CV, CCV. Quanto ao enunciado, como este normalmente é definido como um processo de enunciação pronunciado entre duas pausas, utilizou-se o termo para se referir à produção de fala que tenha uma sequência sonora entre pausas maiores que 0,168 segundos, pois esta foi a duração mais curta encontrada entre palavras.

## III. RESULTADO

Os resultados encontrados na tarefa de repetição foram: duração do enunciado, ora maior ora menor que a duração do enunciado do controle, levando à conclusão de que o conhecimento sobre o tamanho físico do enunciado não está preservado; um padrão de tessitura que varia tanto entre indivíduos quanto entre os enunciados de modalidade e tamanhos diferentes. Considerando o parâmetro F0, pode-se afirmar que as estereotipias apresentam um padrão entonativo descendente em todos os enunciados, independente da modalidade. O padrão entonativo apresentado é peculiar, particular a cada indivíduo e pode ser considerado estereotipado. Com relação à intensidade, os sujeitos estudados apresentaram uma curva ascendente-descendente, considerada padrão para a fala normal. No ritmo, houve dificuldade em se enquadrar o ritmo da estereotipia dentro dos padrões de ritmo acentual e silábico. Na maioria das vezes, o que se observou foi a produção de sequências de sílabas, a que nos referimos como ritmo silabado.

De uma maneira geral, observa-se na tarefa de Nomeação algumas semelhanças com a tarefa de Repetição. O padrão entonativo apresentado foi, em sua maioria, ascendente nas primeiras sílabas e descendente na última. A duração do enunciado se manteve longa, com valores bem superiores às das palavras-alvo. A organização da palavra, com referência ao número de sílabas, não foi observada, não havendo qualquer correspondência entre a palavra-alvo e a emissão.

#### IV. CONCLUSÃO

A hipótese de nosso trabalho não se confirmou e os dados encontrados sugerem que há um forte componente individual no desenvolvimento da estereotipia, tanto no nível segmental como prosódico. O padrão entonativo apresentado pelos sujeitos afásicos estudados não corresponde ao padrão entonativo esperado da fala normal e os parâmetros acústicos apresentam uma variabilidade com características muito particulares. Os resultados apontam para uma prosódia estereotipada, ou seja, produto de um processamento automático, limitada em seu repertório, sem a interferência de um controle que envolvesse habilidades cognitivas e intenção comunicativa.

[7] Gandour, J.Petty,S.H., Dardarananda, R. Perception and Production of Tone in Aphasia. In: *Brain and Language*.35, p. 201-240, 1988.

[8] Halliday, M.A.K. *A Course in Spoken English: Intonation*. London: Oxford University Press, 1970.

[9] Rizzo, J. F. P. *O Papel da Entonação do Português Brasileiro na Descrição de Atos de Fala*. 1981. Dissertação de Mestrado. Campinas: Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1981.

#### REFERENCES

- [1] Bleser, R. & Poeck, K. Analysis Of Prosody In The Spontaneous Speech Of Patients With Cv - Recurring Utterances. In: *Cortex*, N. 21, P. 405-416, 1985.
- [2] Blanken, G. & Marini, V. Where Do Lexical Speech Automatism Come From? In: *Journal Of Neurolinguistics*, V. 10, N. 1, P. 19-33, 1997.
- [3] Blanken, G. The Functional Basis of Speech Automatism ( Recurring Utterances) In: *Aphasiology*, vol 5, no 2 p.103-127,1991.
- [4] Code, C. Speech Automatism And Recurring Utterances. In: Code, C. *The Characteristics of Aphasia*. London: Ed. Taylor and Francis, 1989.
- [5] Code, C. Speech Automatism Production in Aphasia. In: *Journal of Neurolinguistics*, v. 8. n. 2, p. 135-148, 1994.
- [6] Lebrun, Y. Repetitive Phenomena In Aphasia. In: Blanken Et Al (Org.). In: *Linguistics Disorders And Pathologies: An International Handbook*. Berlin: Walterde Gruyter, 1993.